

Debate: o que o País faz pela saúde?

A política nacional de saúde será o tema do 2º Congresso Paulista de Saúde Pública.

Os sanitaristas brasileiros — que passaram cinco anos sem promover qualquer encontro de âmbito nacional — estão retomando o debate de seus temas importantes. Para o 2º Congresso Paulista de Saúde Pública, que será realizado de 17 a 21 de abril, no Palácio das Convenções do Anhembi, escolheram, como tema central, um assunto bastante polêmico: a

política nacional de saúde.

Ao mesmo tempo, os membros da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco) — entidade que, em conjunto com a Associação Paulista de Saúde Pública, ajudou a organizar o evento — preparam, para o mesmo local e mesmos dias, o seu primeiro congresso nacional.

Segundo os organizadores, o encontro, na realidade, tem aspecto de congresso nacional, embora leve a palavra "paulista" em seu nome. Eles calculam que mais de 600 profissionais do setor estarão presentes à reunião, vindos de todas as partes do País. E não apenas sanitaristas virão: as fichas de inscrição já indicam o comparecimento de enfermeiros, educa-

dores, professores, assistentes sociais, nutricionistas, dentistas, engenheiros do setor de saneamento, médicos, psicólogos, sociólogos e estatísticos.

O médico afirma: está tudo errado.

O doutor Eurivaldo Sampaio de Almeida, presidente da Associação Paulista de Saúde Pública, é um dos principais coordenadores do evento. Ele comenta que o encontro, a princípio, deveria realizar-se a cada dois anos. Mas isso é um pouco difícil: o investimento é sempre muito alto. O congresso deste ano vai custar cerca de Cr\$ 10 milhões, dos quais Cr\$ 7 milhões já foram conseguidos dos cofres da Secretaria de Estado da Saúde, do Ministério da Saúde, do CNPq e da Fapesp.

Outros problemas, como as dificuldades em se operar um congresso como esse, também, são levantados por Eurivaldo:

— As dificuldades operacionais são enormes. Mas a verdade é que, também, nos últimos anos, as entidades promotoras desse encontro estavam bastante preocupadas em atuar mais direta e imediatamente, no sentido de melhorar a prática dos serviços de saúde pública.

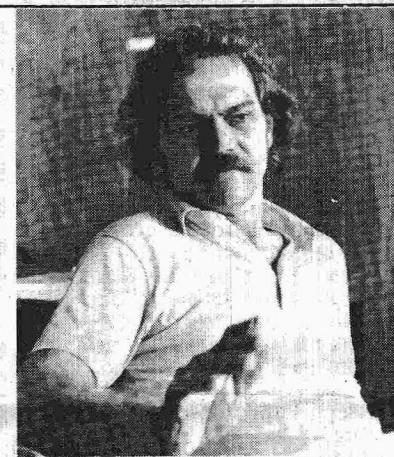
O presidente da Associação Paulista de Saúde Pública considera que, nos últimos quatro anos, está havendo um desinteresse muito grande dos órgãos competentes em relação à saúde pública, principalmente aqui no Estado de São Paulo. O ano de 1982, diz ele, foi muito difícil para a área da saúde.

— O governador Paulo Maluf, a bem da verdade, nunca gostou muito dos sanitaristas — diz ele.

O Congresso Paulista de Saúde surge, portanto, como uma necessidade não somente dos profissionais ligados ao setor, mas de toda a coletividade. Para Eurivaldo, é mais que necessário rediscutir, neste momento da vida do país, a situação da saúde pública, e rever a própria política nacional de saúde.

— Aí é que entra o congresso — diz ele. — Será uma espécie de fórum de debates, através do qual se poderá discutir e analisar esta triste realidade, na tentativa de encontrar novos caminhos, que sirvam como subsídios para esta reformulação. Os objetivos, a metodologia e a prática dos serviços de saúde no país devem ser revisados. Além disso, o congresso servirá também para atualizar o debate sobre conhecimentos e prática do trabalho em saúde pública.

Os organizadores do Congresso Paulista de Saúde Pública escolheram quatro temas básicos para discussão, que serão desenvolvidos através de seminários, sempre na parte da manhã. São eles: política de



Eurivaldo de Almeida

assistência médica, política de saneamento, política de recursos humanos e a participação popular em saúde. Desta parte dos debates, participam três expositores, com um coordenador.

Na parte da tarde, serão debatidos os temas específicos do encontro. São 24 temas, no total: saúde mental; financiamento e remuneração em assistência à saúde; operacionalização da assistência primária em saúde; integração de serviços a nível de município; saúde bucal e assistência odontológica; educação em saúde: limitações e abrangência; saúde ocupacional como atividade de saúde pública; planejamento familiar na assistência à saúde; assistência ao adulto em saúde pública; sistema de vigilância epidemiológica: revisão crítica; poluição ambiental e saúde pública; homeopatia: incorporação na assistência primária à saúde; experiências de ensino em saúde pública; as ciências sociais e a saúde pública; a pesquisa em saúde pública; rede básica de saúde e órgãos verticais no controle das grandes endemias; sistema de controle da qualidade de alimentos; campo e mercado de trabalho do sanitarista: situação atual — perspectivas; aleitamento materno: questão de saúde pública; produção, distribuição e consumo de alimentos e condições de saúde; morbidade e mortalidade da criança e ações de saúde; sistema de abastecimento de água e sistema de esgoto a nível de município; análise crítica; complexo médico-industrial e saúde; a saúde do olho na assistência primária em saúde.

A noite, serão apresentados e discutidos os trabalhos referentes aos temas específicos.

Crises

— Um dos problemas mais sérios da saúde pública é o da assistência médica. Este setor não está funcionando bem, na medida em que a população está com dificuldade de acesso à saúde pública.

O doutor Eurivaldo Almeida está falando sobre cada um dos temas básicos, escolhidos para as manhãs do congresso. Na sua maneira de pensar, a "péssima" qualidade da assistência médica no Brasil deve-se a distorções na própria organi-

zação dos serviços de saúde e da prática da assistência. Isto envolve, como ele afirma, dificuldades operacionais de trabalho e das condições do próprio exercício médico. Por exemplo:

— Não existe uma relação adequada entre o atendimento ambulatorial e o hospitalar. Existe uma sobrecarga hospitalar, em consequência de uma deficiência no atendimento ambulatorial.

Sobre a política de saneamento, o presidente da Associação Paulista de Saúde Pública acredita que o ambiente está "intimamente ligado às condições de saúde da população. E isto no Brasil está atingindo amplitude maior, uma vez que já não se esgota apenas na necessidade da água. Mas sim passa a envolver aspectos outros das condições ambientais. Por exemplo, a poluição industrial, atmosférica, dos rios e dos mananciais. O reflexo se dá, sem dúvida, também nos alimentos".

Por alguns instantes, o doutor Eurivaldo interrompe sua explicação, lembrando-se que esqueceu de dizer algo, sobre o tópico assistência médica:

— Um exemplo típico das péssimas condições em que se encontra a assistência médica neste país é a chamada "crise da previdência". Veja bem, o próprio Inamps propôs, recentemente, uma reorientação da política de assistência médica. Quer coisa mais reveladora?

A necessidade de formação do profissional de saúde, tanto a nível universitário como técnico-auxiliar, é citada por Eurivaldo como um aspecto muito importante da política de recursos humanos. Pois ele acredita que a boa atuação dos setores sociais depende diretamente dos recursos humanos. Completa:

— Isto envolve criação adequada das condições de trabalho, melhor remuneração, carreiras funcionais que permitam o constante aprimoramento técnico-científico desses recursos humanos, assim como o seu crescimento funcional dentro das respectivas instituições.

Com uma política de recursos humanos digna, quem vai sair ganhando é a própria população. Esta poderá contar, conseqüentemente, com uma melhoria na prestação dos serviços do setor saúde.

— Isto é para acabar também com aquela versão de que o setor não funciona apenas porque existe aquela má vontade e irresponsabilidade dos profissionais da saúde. Na realidade, o que existe é uma inadequação: há dificuldade de contratação do pessoal, baixíssimos salários, falta absoluta de perspectiva profissional em termos de carreira e dificuldade em termos de aperfeiçoamento profissional.